

entretanto, os outros jornais acompanharam a inovação: surgiram os jornais, depois as bancas e os pontos, e a disputa dos pontos. Essa divisão do trabalho assinalava também — como a constituição da sociedade em comandita e levantamento do capital — a “mercantilização da imprensa”. Mas, nos primeiros anos, a empresa deu prejuízo, apresentando um déficit de 16 951\$240; golpe maior seria, depois, a perda de 29 600\$000, depositados na casa bancária de Mauá & Cia., com a falência desta. A redação passaria à rua da Imperatriz, 58 (hoje XV de novembro), esquina com a rua do Rosário (hoje João Bricola). À porta ficava uma tabuleta com telegramas, avisos e notícias de última hora. As assinaturas anuais custavam 14\$000; as semestrais, 7\$000; para o interior eram, respectivamente, de 18\$000 e 9\$000. A *Província de São Paulo* trazia dois dísticos programáticos: “Colunas franqueadas aos escritos de utilidade pública” e “Liberdade de pensamento e responsabilidade do autor”. O número avulso custava 200 réis.

A capital paulista demorava em desenvolver-se. Quando começou a circular o diário de Rangel Pestana e Américo de Campos, tinha cerca de 30 000 habitantes. Os estudantes continuavam a constituir o seu fermento de vida. Mesmo assim, os recursos culturais eram ali modestos. “Em S. Paulo — escreveria um historiador da cidade — tem-se a impressão de que, nos últimos anos do oitocentismo, não se desenvolvia acentuadamente o comércio de livros. Parece que as poucas livrarias existentes apenas mudavam de nome ou de dono de vez em quando. A princípio, havia a Paulista, a Empresa Literária, a Dolivais — esta última recebendo novidades do exterior, pois era representante da empresa Faro & Lino e da Livraria Internacional, de Carrilho Videira, de Lisboa, e a Civilização, de Abílio Marques, funcionando esta, em 1875, no prédio de esquina da rua do Rosário, onde estava instalada a *Província de São Paulo*. Em 1885, segundo um almanaque de Seckler, as livrarias paulistanas eram a Casa Eclética, na rua São Bento, a Empresa Literária Fluminense, na rua Direita, a Casa Garraux, na rua da Imperatriz — que o viajante Andrews, em 1883, considerou a mais bela loja de livros existente no Brasil — e a Livraria Paulista, à rua São Bento. O almanaque de 1888 registrava a Empresa Corazzi Literária, no Largo da Sé, Fischer Fernandes & Cia. (Casa Garraux), J. P. Leão (Livraria Escolar), na rua Boa Vista; Jerônimo Azevedo (Livraria Azevedo), na rua Direita; e Teixeira & Irmão (Livraria Paulista), na rua São Bento — como estabelecimentos que representavam o comércio de livros na capital de São Paulo. Ainda em 1896, o Almanaque Paulista Ilustrado continuava registrando a existência de apenas cinco livrarias na cidade: a de Thiollier & Cia., na rua Quinze, a de Alves & Cia., na rua da Quitanda, a de Costa &